

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE LETRAS (IX EILETRAS)

III SIMPÓSIO TRANSCULTURALIDADE, LINGUAGEM E  
EDUCAÇÃO

**Saberes em construção no século XXI:**

**linguagens, educação, tecnologias na educação.**



UNIOESTE Foz do Iguaçu:

20 a 22 de setembro de 2017.



**Organização:**  
**MARIA ELENA PIRES SANTOS**  
**(UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ)**

**REGINA COELI MACHADO E SILVA**  
**(UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ)**

**Anais:**  
**IX Encontro Internacional de Letras -**  
**IX EILetras**

**III Simpósio Transculturalidade,**  
**Linguagem e Educação**

**p. 1- xxx – set. 2017**  
**ISSN xxxx-xxxx**

**UNIOESTE - Foz do Iguaçu**  
**20 a 22 de setembro de 2017**

**IX Encontro Internacional de Letras - IX EILetras - 2017 - ISSN XXXX-XXXX**  
**III Simpósio Transculturalidade, Linguagem e Educação**

O conteúdo de cada texto, bem como sua redação formal, é de responsabilidade exclusiva do (as) autores (as).

**Permitida a reprodução desde que citada a fonte.**

**Como fazer a referência:**

SOBRENOME, Nome do autor. Título do trabalho. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE LETRAS, 13., SIMPÓSIO TRANSCULTURALIDADE, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO, 3., 2017, Foz do Iguaçu/PR. PIRES SANTOS, Maria Elena; MACHADO e SILVA, Regina Coeli (Org.). **Anais...** Foz do Iguaçu: Unioeste, 2017, p.(página inicial e final da parte referenciada).

**Unioeste**

Reitor: Paulo Sergio Wolff  
Vice-Reitor: Moacir Piffer  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Gerson Henrique da Silva  
Pró-Reitor de Extensão: Rosalvo Schutz  
Pró-Reitor de Planejamento: Roseli Aparecida Valera Paris  
Pró-Reitora de Graduação: Elenita Conegero Manchope  
Pró-Reitora de Administração e Finanças: Rosiclei Fátima Luft  
Pró-Reitor de Pesquisa de Pós-Graduação: Silvio César Sampaio  
Diretora do Campus de Foz do Iguaçu: Fernando José Martins

**Comissão Organizadora**

**COORDENAÇÃO GERAL**

Coordenadora: Maria Elena Pires Santos  
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Subcoordenadora: Regina Coeli Machado e Silva  
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

América Lúcia Silva César (UFBA)  
Clarissa Menezes Jordão (UFPR)  
Cleiser Schenato Langaro (UNIOESTE)  
Delfina Cristina Paizan (UNIOESTE)  
Domingos Sávio Pimentel Siqueira (UFBA)  
Isis Ribeiro Berger (UNIOESTE)  
Ivani Rodrigues Silva (UNICAMP)  
Josiele Kaminski Corso Ozelame (UNIOESTE)  
Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (UFBA)  
Marcia Paraquett (UFBA)  
Maria Elena Pires Santos (UNIOESTE)  
Maria Inêz Probst Lucena (UFSC)  
Mariangela Garcia Lunardelli (UNIOESTE)  
Maridelma Laperuta Martins (UNIOESTE)  
Marilda do Couto Cavalcanti (UNICAMP)  
Maristela Pereira Fritzen (FURB)  
Mirna Fernanda Oliveira (UNIOESTE)  
Neiva Maria Jung (UEM)  
Pedro de Moraes Garcez (UFRGS)  
Regina Coeli Machado e Silva (UNIOESTE)  
Simone Batista da Silva (UFRRJ)  
Simone Tiemi Hashiguti (UFU)  
Terezinha de Jesus Machado Maher (UNICAMP)  
Vanderlei J. Zacchi (UFS)  
Vera Wielewicki (UEL)  
Walkyria Monte Mór (USP)

**ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO DOS ANAIS**

Maria Elena Pires Santos  
Tatiane Lima de Paiva

**SECRETARIA DO EVENTO**

Ilídio Enoque Macaringue  
Melissa Salinas Ruiz  
Michele Siu Mui Yu  
Paola Stefanutti  
Tatiane Lima de Paiva

**COMISSÃO DE ABERTURA**

Cleiser Schenato Langaro  
Josiele Kaminski Corso Ozelame  
Luciana Vedovato

Maridelma Laperuta Martins  
Olga Viviane Flores

**COMISSÃO DA COORDENAÇÃO CIENTÍFICA**

Isis Ribeiro Berger  
Mariangela Garcia Lunardelli

**COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA E APOIO LOGÍSTICO**

Aline Soraia  
Ana Maria Kaust  
Ariana Storer  
Delfina Cristina Paizan  
Nataly Capelari  
Olga Viviana Flores

**COMISSÃO DE ENSALAMENTO E MONITORIA**

Fatima Regina Cividini  
Flávio Pereira  
Jefferson Jonathan dos Santos  
Josiane Nava Vogt  
Mirna de Oliveira  
Mariana Girata Francis  
Rosely Candida Sobral  
Samuelli Cristine Fernandes

**COMISSÃO CULTURAL**

Josiele Kaminski Corso Ozelame  
Luciana Vedovato  
Maridelma Laperuta Martins  
Olga Viviane Flores

**COMISSÃO DE LOGÍSTICA EM INFORMÁTICA**

Ana Maria Kaust

**COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DE INTERVALOS Acadêmicos UNIOESTE**

**COMISSÃO DE CERTIFICADOS**

Carlos Norberto Berger  
Isis Ribeiro Berger  
Vilma Lúcia de Oliveira Barreira

**APOIO**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ.

## Ficha catalográfica

### Realização:



**Centro de Educação, Letras e Saúde**

Site dos eventos: <http://ix-encontro-internacional-de-letras-iii-simpósio-transcultural.webnode.com/>

Contato: [eiletras2017@gmail.com](mailto:eiletras2017@gmail.com)

### Apoio:



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E  
TECNOLÓGICO

Site: <http://www.cnpq.br>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS – CURSO DE LETRAS

**IX Encontro Internacional de Letras - IX EILetras - 2017 - ISSN XXXX-XXXX  
III Simpósio Transculturalidade, Linguagem e Educação**

## **APRESENTAÇÃO**

O IX Encontro Internacional de Letras (IX EILETRAS) e o III Simpósio Transculturalidade, Linguagem e Educação, com a finalidade de reunir acadêmicos, professores e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, têm como objetivo fomentar debates, discussões e reflexões em torno do tema Teia de Saberes no Século XXI: linguagens, educação, tecnologias na educação.

Espera-se agregar propostas que tratem de questões como:

1. Diálogos interdisciplinares de literatura
2. Políticas linguísticas e formação de professores de línguas
3. Os multiletramentos e as multimodalidades
4. Tecnologias e ensino de línguas
5. A transdisciplinaridade como princípio da construção de conhecimentos
6. Pluralidade linguística e cultural nas fronteiras
7. Transculturalidade, linguagem e educação
8. Novas mídias e educação
9. Os Estudos Linguísticos
10. Sociedade, Cultura e Fronteiras

# **CADERNO DE RESUMOS**

## **IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE LETRAS**

### **III SIMPÓSIO TRANSCULTURALIDADE, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO**

**FOZ DO IGUAÇU - 2017**

## Conferência de abertura

### Repertórios linguísticos em tempos de superdiversidade e mobilidade: perspectivas para o ensino de línguas e a formação do professor de línguas na contemporaneidade

**Pedro de Moraes Garcez (UFRGS)**

Vivemos tempos de globalização, caracterizados por mobilidades e fluxos contínuos, por superdiversidades, hibridizações, por novas mídias e grandes volumes de dados e informações. Nesta conferência, arrolei inicialmente esses termos e temas para destacar o que Reyes (2013) formulou como “três dimensões do súper-novo-grande” e assim considerar a proposta da autora de que a escalada tecnológica é o que gera “a euforia, a rabujice e a ansiedade” (p. 374) na contemplação desconcertada que nós, adultos reflexivos, fazemos sobre estes tempos. A seguir, focando em “superdiversidade”, retomo Vertovec (2007) para sublinhar que os eixos dessa “diversificação da diversidade” (p. 1025) não se limitam a identidades étnicas (e linguísticas). Ensaio então uma reflexão a esse respeito à luz das perspectivas de duas famílias de migrantes brasileiros em Toronto acerca do que é ser um “estudante falante de português” nessa cidade superdiversa em um Estado que adota políticas oficiais de multiculturalismo. Avançando para além de cenários urbanos cosmopolitas, considero a proposta de Jaffe (2016) de que “o superdiverso ... precisa ser visto não como algo dado, mas como uma qualidade **emergente** de um contexto particular” (p. 6), e de que essa “diversificação da diversidade” sem precedentes se estabelece hoje em toda parte. Assim, contemplando as contradições de um país que aos poucos se enfrenta com sua constituição multilíngue superdiversa, reitero a convicção de que é cada vez mais necessário ao cidadão em formação refletir sobre a linguagem nas interações sociais. Para tanto, é preciso construir educação linguística significativa, para todos, que problematize o singular e o plural, que promova ação-reflexão-ação e que vise à formação de sujeitos históricos, críticos, flexíveis e éticos. Tendo em vista propostas de ensino denominadas metodologias ativas, nas quais os participantes são protagonistas na aprendizagem do que é relevante para ampliar seus repertórios expressivos com vistas a transitar na diversidade e agir criativamente nos espaços singulares em que atuam ou desejam atuar, argumento que é preciso insistir em trilhar percursos de educação linguística que envolvem conhecer e compreender o mundo em que se vive, conscientizar-se sobre quem pode intervir e participar nas práticas sociais, dando novos contornos à própria realidade. Reafirmo a importância de relatos de prática docente que narram como percursos assim construídos promoveram a participação colaborativa, lidando com a singularidade na pluralidade, a integração entre conteúdos linguístico-discursivos e culturais com conteúdos de outras áreas de conhecimento, a responsabilidade individual e coletiva pela aprendizagem. Finalizo sintetizando implicações para a formação de professores e frisando a importância da reflexão sobre o trabalho docente no contexto singular de atuação e do registro de experiências pedagógicas para construir a identidade de professor-autor-formador.

## **Mesa Redonda: Ensino de Línguas Sociedade Digital e Formação Crítica na Área de Línguas e Linguagens**

**Profª Drª Walkyria Monte Mór (USP)**

Com o crescente reconhecimento da importância das tecnologias digitais e da pluralidade nas relações sociais, acentuam-se os estudos sobre Letramentos (Novos e Multi-letramentos, Letramentos críticos, Letramentos digitais) e sobre a pluralidade na sociedade e na academia, gerando oportunas pesquisas sobre o tema. Essa comunicação discute alguns dos tópicos integrantes desses trabalhos, no caso, a sociedade digital, a formação crítica e o projeto de Letramentos. A sociedade digital, pela contribuição na ampliação de epistemologias não convencionais e na contribuição para a formação cidadã dos alunos; a formação crítica, por possibilitar expansões conceituais no que concerne padrões culturais, linguísticos e epistemológicos; o projeto de Letramentos, por propor uma formação educacional voltada para questões da sociedade atual. Alinhando esses tópicos, a apresentação pretende focalizar os estudos sobre crítica e a expansão de perspectiva nas práticas universitárias e escolares, na defesa da relevância desses para a promoção de oportunidades e participação social.

As teorias em discussão baseiam-se nos estudos de letramentos desenvolvidos por autores brasileiros e estrangeiros como Kalantzis, Cope (2017; 2012; 2008); Lankshear, Knobel (2016; 2013; 2011); Luke (2004); Freire (1967, 1987, 2001) e dialogam com as ideias de pluralidade, de Pennycook (2007, 2010); Canagarajah (2013; 2010; 2007); das revisões educacionais de Biesta (2014; 2010; 2009); Janks (2014; 2008); Kubota (2004); Monte Mór e Souza (2006); Rojo (2012; 2010) e dos estudos sobre crítica de Levinson (2011); Monte Mór (2013); Souza (2011), dentre outros. Esses estudos são também promovidos pelos integrantes do “Projeto Nacional de Letramentos: Linguagem, Cultura, Educação e Tecnologia” ; (Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq).

## **Mesa Redonda: Ensino de Línguas Turritopsis, concepção de (trans)língua e formação de professores como prática decolonizadora**

**Clarissa Menezes Jordão (UFPR)**

Partindo do pressuposto de que a modernidade e sua contraparte, a colonialidade, têm sido processos marcados por forte violência epistêmica, essa fala utilizará o animal turritopsis como referência para entender uma concepção de língua decolonizadora. Algumas características do referido cnidário, como por exemplo a capacidade de regenerar-se ou transformar-se em outro, substituindo todas as suas células, juntamente com a polêmica sobre ainda assim tratar-se do mesmo ser ou não, podem ser aproximadas ao que tem acontecido especialmente com a língua inglesa, mas também com outras línguas coloniais como o espanhol, o francês e o português no cenário mundial contemporâneo. Nessa comunicação, destacarei os efeitos positivos da concepção de língua que informa algumas perspectivas de *língua franca* (Widdowson, 2003; Jenkins, 2007; Norton, 2007) em consonância com perspectivas translinguais (Canagarajah, 2013, 2007) e performativas (Pennycook, 2010; Wright, 2015; Monte Mor, 2007; Duboc & Ferraz, 2011) a



fim de refletir sobre seus desdobramentos em práticas decolonizadoras de formação de professores de línguas, com foco no inglês.

### **Mesa Redonda: Novas Mídias e Educação**

#### **O uso de tecnologias no trabalho de leitura/escrita com alunos surdos**

**Ivani Rodrigues Silva (UNICAMP)**

Não se pode negar que a presença das tecnologias digitais nas práticas educacionais pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, de forma geral. Com essa reflexão, nossas premissas foram: a) realizar levantamento dos materiais já existentes e que estão sendo utilizados para, em seguida, proceder à b) análise e produção de materiais específicos para o contexto de surdez e escolarização e, assim, c) contribuir para a formação de professores surdos/ouvintes. Para tanto, são tecidas breves considerações sobre a história da educação dos surdos e os contextos educacionais desse grupo, a fim de evidenciar a urgência pela busca de estratégias de ensino que se mostrem mais sensíveis às questões sociais e culturais que envolvem os letramentos desse grupo de alunos. Em seguida, delineamos brevemente o perfil de um grupo de alunos surdos em relação às tecnologias digitais. Por fim, apresentamos alguns materiais produzidos com a ajuda de alunos e professores surdos com o intuito de mostrar que essas práticas de ensino podem envolver e privilegiar as funções sociais da escrita na sociedade, isto é, o que é a escrita, para que serve, como e por que se escreve e para quem se escreve. Dessa forma, esta apresentação busca evidenciar que os recursos tecnológicos, devido a sua natureza e especificidades, podem favorecer um processo de ensino e aprendizagem de línguas mais significativo e democrático para alunos surdos.

### **Mesa Redonda: Novas Mídias e Educação**

#### **O protagonismo dos alunos no design de tecnologia educacional**

**Delfina Cristina Paizan (UNIOESTE)**

Reconhecemos a necessidade de alunos com um papel mais ativo em sala de aula, criando suas próprias experiências e ambientes de aprendizagem, criando seu conhecimento de forma colaborativa, e interagindo com seus interlocutores. Descrevemos aqui a experiência de usar algumas orientações do Design Participativo (DP) na elaboração de um portal da web para o ensino e aprendizagem de inglês instrumental com a participação dos alunos do curso de ciência da computação. Esse portal é visto como um ambiente de aprendizagem, de interação, de participação em comunidade e de aprendizagem formal e informal. O DP trata da apropriação da tecnologia pelos usuários e, diferente das outras abordagens que buscam envolver os usuários, o DP tem uma natureza democrática. Como tal, é importante reconhecer aqui a existência de atores com posições diferentes dentro do processo: no contexto educacional em que professores, alunos e desenvolvedores trabalham juntos, existem diferenças de interesses, de conhecimentos, de habilidades, de gênero, etc. Destacamos aqui, e depois abrimos para debate, a experiência de criar um ambiente de aprendizagem em conjunto com os alunos e, mais relevante, a criação de um contexto em que os alunos puderam verbalizar e

confrontar suas crenças sobre o ensino e a aprendizagem de inglês instrumental, o que tornou possível o design de um ambiente de aprendizagem mais articulado e mais detalhado.

**Mesa Redonda: Transculturalidade, Linguagem e Educação**  
**“Ensaio uma (re)visitação aos conceitos de base do GT-Transculturalidade, Linguagem e Educação” (GT-TLE/ANPOLL)**

**Marilda C. Cavalcanti/Universidade (UNICAMP/Pesquisadora CNPq)**

Face à contemporaneidade local/global fluida e mutante, o objetivo desta apresentação é ensaiar uma (re)visita a dois dos termos-chave que compõem o título do GT-TLE, a saber, transculturalidade e linguagem. Para tanto, escolhi focalizar a introdução do livro *Transculturalidade, Linguagem e Educação* (Cavalcanti & Bortoni, orgs, 2007), que acredito ter sido a primeira publicação oficial do GT-TLE/Anpoll. O grupo de trabalho foi criado oficialmente em 2003, mas já existia como um sub-grupo do GT-Linguística Aplicada desde 1998.

**Mesa-redonda: Transculturalidade, Linguagem e Educação**  
**‘E SE O SUBALTERNO NÃO FALAR O QUE QUEREMOS OUVIR? ‘DIREITOS’, ‘OBRIGAÇÕES’ E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS’**

**Terezinha Machado Maher (IEL/UNICAMP)**

O objetivo deste trabalho é, em última instância, colocar sob suspeição alguns dos discursos que orientam nossas intervenções no que se refere a políticas linguísticas voltadas para o fortalecimento de línguas minoritárias. Comumente, essas intervenções se justificam à luz, ou de discursos que se sustentam na crença de que direitos linguísticos são direitos humanos fundamentais (HAMEL, 1995), ou na necessidade de tornar audíveis vozes subalternizadas, marginalizadas (SPIVAK, 1995). Ainda que plenamente justificáveis, do ponto de vista ético e político, essas intervenções, no entanto, podem, em muitas instâncias, deixar, convenientemente “na sombra”, como alertam Kramsch & Boner (2010), discursos muito mais autoritários e desrespeitosos do que gostaríamos de admitir. Para dar corpo a esse argumento, pretendo me valer de dados gerados em contexto indígena por mim anteriormente analisados (MAHER, 2010).

**Mesa Redonda: Políticas Linguísticas**  
**Os lugares das línguas na tríplice fronteira: reflexões sobre os estatutos e as formas de gestão das línguas em contato em Foz e região**

**Profa. Dra. Isis Ribeiro Berger (UNIOESTE)**

Resumo: Tomando como campo de referência a Política Linguística, nesta comunicação discute-se a questão dos estatutos e as diferentes formas de gestão de línguas em contato no contexto da tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai. Trata-se de um ambiente multi/plurilíngue em que sujeitos desenvolvem repertórios linguísticos plurais e dinâmicos que são confrontados pelas formas de gestão das línguas das esferas de gestão *in vitro*. Desse modo, tem-se como objetivo refletir sobre os múltiplos lugares que as línguas

podem ocupar nesse contexto, considerando que o primeiro lugar de contato é o falante dessas línguas, que se movem pelos espaços e pelas fronteiras.

Palavras-chave: Estatutos das línguas; gestão de línguas; fronteira, Política Linguística.

### **Mesa Redonda: Políticas Linguísticas**

#### **Políticas linguísticas, transculturalidade e translinguagem no ensino de línguas**

**Maria Inêz Probst Lucena (UFSC)**

Discuto nesta apresentação como políticas linguísticas educacionais são (re)criadas nas escolas, procurando mostrar como educadores/as e alunos/as, ao desempenharem seus papéis interacionais, na situacionalidade da sala de aula (Garcia; Menken, 2010), intervêm na realidade política em que vivem. A discussão, inserida na Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), será ilustrada com dados provenientes de etnografias desenvolvidas por um grupo de pesquisadores/as, coordenado por mim. Nos cenários em que atuamos, a diversidade linguística na maioria das vezes é invisibilizada e conceituada a partir de categorias da linguística moderna que negligenciam o amplo uso que indivíduos fazem de seus repertórios linguísticos. Na problematização das questões encontradas em campo, novas concepções teóricas têm nos ajudado a entender como indivíduos usam seu conhecimento linguístico e cultural ao lidarem com políticas educacionais que não contemplam suas práticas de linguagem, conforme elas acontecem em cenários de atuação. Apontando para a expansão e reflexão acerca das exigências comunicativas trazidas pela mobilidade física, virtual e simbólica da contemporaneidade, abordo o conceito e exemplos de “*translinguagem*” (García, 2009; García & Wei, 2014; Canagarajah, 2013) e destaco as motivações epistemológicas para a proposição desta concepção e sua relevância para os estudos de políticas linguísticas.